



# QUANDO A ÁFRICA DECRETA O FIM

HÉLIO SOZINHO



# **QUANDO A ÁFRICA DECRETA O FIM**

**Hélio Sozinho**

### ***Ficha Técnica***

**Título:** QUANDO A ÁFRICA DECRETAR O FIM

**Autor:** Hélio Sozinho

**Editora Digital:** "ÁGUA PRECIOSA"

**Texto:** Verdana 12

**Capa:** Belson Hossi

**Revisão dos Textos:** Abílio Lupenha

Lubango, 2024

## Índice

<b>QUANDO A ÁFRICA DECRETAR O FIM .....</b>	<b>6</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>I-O contexto .....</b>	<b>10</b>
<b>II-A Capa de Folhas Secas .....</b>	<b>12</b>
<b>III-O Amor Dissimulado.....</b>	<b>16</b>
<b>IV-O Negro Figurante .....</b>	<b>23</b>
<b>V-O Génio Mercante do Negro .....</b>	<b>28</b>
<b>VI-A Dimensão Plurimulticultural do Homem Negro.....</b>	<b>32</b>
<b>VII-A Voz Clamando do Kilimanjaro .....</b>	<b>40</b>
<b>VII-A Reunião Desavisada.....</b>	<b>46</b>
<b>IX-Conclusão.....</b>	<b>50</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>56</b>



## QUANDO A ÁFRICA DECRETAR O FIM

*“O povo que não  
conhece a sua história,  
a sua origem e sua  
cultura é como uma  
árvore sem raízes”*

Marcus Garvey.



## Introdução

O mundo assiste ainda hoje, o fenómeno não novo, mas com nova abordagem, respeitante ao “lugar do negro no mundo”, ou seja, a colocação e localização do negro no mundo.

A partir do século XVI, a escuridão e a claridade foram progressivamente utilizadas para classificar e hierarquizar os seres humanos, utilizando critérios e significados, a fim de determinar e definir à partida o positivo e o negativo humanos.

A falta de proporção no espaço público mediático, na produção para a vida, faz crer que os negros na sua maioria, são incapazes de ascenderem nas carreiras, nas universidades sem um percurso académico competente ou qualificado para os cursos profissionais ou profissionalizantes com base na sustentabilidade exigida.

O “escuro” passou a ser “cor” simbólica do negativo, e o “branco”, o símbolo do positivo, como diz Santos (2021), o cânone da hierarquia racial na sua lógica da cor insinua-se tão profundamente na cultura presente nos contextos naturalizados.

A presente análise que se afigura sem filtro, sobre o lugar no negro no mundo, recai fundamentalmente nas discriminações sofridas por pessoas racializadas (direccionada ou invertida) e as negligências ou privilégios dos que a promovem.

Assim a reflexão sobre as possíveis causas-origens-início, reflexos e consequências do racismo e as lutas para a autoafirmação dos negros em todo mundo, depois dos seus arautos terem dado o toque de partida, desde as américas, às Antilhas, até às Áfricas, tendo como alma, a preocupação do valor e lugar do negro no mundo.

## I-O contexto

O século XX marcou o apogeu das diferenças raciais com explicações científicas, económicas, culturais e até teológicas, numa lógica resultante da hierarquia social do eugenismo, do apartheid e da eliminação do que se considerava de raças inferiores.<sup>1</sup>

Fruto deste processo, deu-se a tomada de consciência da identidade do negro enquanto ser em unidade de conjunto, nos preceitos africanistas de luta natural pela sobrevivência, independentemente de que geografia for e estiver neste universo. Os maiores percursos foram os antepassados que resistiram à ocupação imperialista e inspiraram as diásporas, que experimentaram várias vivências e não foram poucos os obstáculos que tiveram que transpor.

Esses preceitos visaram dentre outros, o protesto da perda dos valores africanos e, encontrar um fio condutor hábil que guiasse à reconquista final da concretização do pensamento criativo do negro quer dentro e fora do continente.

A presente tertúlia comigo mesmo, resulta da análise feita a vários episódios que, nos chegam de vários pontos do globo através de relatos directos ou por meio dos veículos comunicativos, onde as comunidades negras, protagonistas ou vítimas, inspiraram o verbo cerebral, enquanto ser existente.

---

<sup>1</sup> Nancy Stepan, *The Idea of Race in Science: Great Britain 1800-1960* (1982).

Sem hipérbole, os africanos estão em condições de se afirmar no contexto mundial, não fosse a covardia de muitos líderes africanos que, deliberadamente dobram os joelhos aos “patrões”, fazendo fenecer os seus irmãos por meio de oblações, por uma pobreza difundida, como a nos dias 16 e 18 de Maio de 2021, pondo de parte a “solução africana para os problemas africanos”.

Infelizmente, os líderes africanos não conseguem aplicar os saberes endógenos, preferindo os que lhes foram impostos ou adquiridos da América, da Ásia, do Médio Oriente ou de qualquer parte que seja, com um discurso repleto de conceitos imaginários em que os mesmos não sabem bem o seu real significado cujos mesmos são incompatíveis com a realidade do africano negro pois visa quase invariavelmente a um inadequado ou incolocável lugar desvalorizador do negro em seu próprio terreiro.

## II -A Capa de Folhas Secas

É frequente a ideia de algum negro querer embranquecer a cor da pele o que contrariamente acontece com um branco que venha da escandinavia. Já ouvi algum negro dizer: “eu tenho hábitos de branco”, fá-lo de maneira tão satisfatória, ao mesmo tempo que diz que “eu tenho orgulho de ser negro”. Tudo parece indicar que o ser branco assume incondicionalmente o humano genuíno de Hitler.

Pairou nos areópagos catedráticos dos eruditos nos Alpes e Urais, a ideia segundo a qual, o branco representaria a pureza, a verdade, a divindade e tudo mais de bom no mundo, ao que Garvey afirmava que, havia negros *“que não queriam ser reconhecidos como negros, mas como brancos.”* Estaria então o negro congelado na sua negrura, desgraça, maldade, satanismo, ocultismo, entre adjectivos, que renunciam a sua condição humana, mesmo com alegações de ser o protótipo do berço da humanidade.

Criou-se no mundo uma ideia de colorismo que, potencia a gravidade da narrativa de práticas racistas para suavizar a violência epistêmica e ontológica colonial, mais cruel. Esta é ainda mais impiedosa ao estabelecer um código segundo o qual, quanto mais “branca” é a cor da pele, maior é a probabilidade de alguém ter privilégios, dentro de uma sociedade.

Há um esforço real de um preto que luta para descobrir o sentido da sua identidade, como a “Semana da Negritude”, “Aliança das Pessoas Africanas e de Ascendência Africana na Europa”, os “Movimentos Negros”, o “Dia da Consciência Negra”, a “Rede Anti-Racista de Portugal” ou a “Diáspora Afrique”, cujas origens históricas datam dos primórdios da escravidão, intensificando-se na década de 60 e com um dinamismo sem precedentes no presente milênio, com o chamado *Movimento Negro Empoderado*.

Os assassinatos de George Floyd, Eric Garner, Michael Brown e outros casos anónimos, mostrou que os negros, ainda são tratados com atrocidade por (algumas) estruturas sociais e políticas. Esses e outros actos fizeram renascer nos EUA, o movimento *Black Lives Matter*, um movimento político existente há mais de dois séculos que, tem por objectivo eliminar a escravidão, discriminação, desigualdade social e outras formas de opressão ou atrocidades contra os negros. Sobre o aspecto, Yuval faz a analogia dos chimpanzés e gorilas onde os genes, determinam os comportamentos sociais, contrariamente às crenças. Os primeiros vivem competindo o poder por meio de coligações dos seus apoiantes, fêmeas e machos. Os segundos prevalecem com o único macho dominante que estabelece um harém, que com frequência afugenta qualquer macho adulto que possa desafiar a sua posição. Nesta conformidade entende-se, que os chimpanzés não se adaptaram a estrutura social dos gorilas e estes por sua vez jamais se organizarão como

chimpanzés. Não obstante a isto eles têm convivido no mesmo sistema social, por muitos milénios (Yuval, 2019).

Os humanos aprenderam a fazer e a lidar com muitas situações, mas ainda não superaram a questão da cor ou raça. Infelizmente não! O cosmos sente e compreende que a raça não é mais motivo de separação, discussão, superioridade ou incapacidade.

A verdade é que o “negro evoluiu”, o mito sobre ele, esfumou-se, bem como a vaga ideia do pensamento espontâneo do negro. Afinal o negro também concebe e, realiza os seus sonhos, move-se, cria e estabelece relações sociais, mas o negro sabe o obstáculo de se ser negro dentro ou fora da sua pátria.

Sempre que a cor é politizada, a luta contra o racismo, passa a ser relativizada e perde o essencialismo.<sup>2</sup> Aqui o essencialismo identitário pode tornar difícil a articulação das lutas sociais contra a desigualdade e a discriminação. Não se pode confundir a mudança da cor do poder com a mudança da natureza do poder, pois como afirma Obama muitos pretendem chegar ao poder e não em mudá-lo (Santos 2009).

---

<sup>2</sup> *Diretor Emérito do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.*



### III-O Amor Dissimulado

O racismo sistêmico ou estruturado, oficial ou não, segrega raças, aplicando um conjunto de práticas, hábitos, atitudes, situações ou discursos que promovem, directa ou indiretamente, o ostracismo e preconceito racial.

Este é muitas vezes cristalizado na cultura de um povo, de tal modo que, muitas vezes, não se percebe, nem parece ser racismo. Há faculdades de referência mundial onde a maioria esmagadora de estudantes é branca e, surge uma ideia absurda de que a maior parte dos trabalhos que exigem maior esforço físico, deve ser realizado por negros ou não europeus. Um dos “não negro” que, mostrou tomar consciência sobre os disfuncionamentos de práticas racistas, foi o rapper Eminem quando em 2017 salvo erro, numa música intitulada “Untouchable afirmou: “às vezes, dá vergonha de ser branco”. Ele questionou-se sobre a existência de bairros dos negros, a sua segregação e colocação na secção 8 dos EUA e aborda sobre a prisão de um tempo deformado que, lembra os anos 1960, em que ser negro era arriscado, asseverando que houve situações em que ser um garoto branco foi vergonhoso.<sup>3</sup>

Depois de um longo período de estudo sobre a história racista vejamos o quesito que fazia Bethencourt em 2015: “como é possível uma mesma pessoa ser considerada negra

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/eminem-que-vezes-vergonha-ser-branco-single-untouchable/> . Acessado em 13/05/2021.

nos Estados Unidos, de cor no Caribe ou na África do Sul e branca no Brasil"? É tudo uma questão de perspectivas propositadas de maneira idílica, habituado a colocar crise quase sempre que olha para fora.

Nas pequenas ilhas de Guadalupe e Martinica por exemplo, os relatos nos dizem que a brancura, parecia ser a única forma de se atingir o sucesso social. Como diz Fanon, não importava se fosse homem ou mulher da mais bela pele negra, mas em contacto com um branco ou branca "todos deliram!". Os brancos não sabem o que são verdadeiramente os pretos, porque não são negros, um homem não pode alcançar visceralmente o lado feminino, um solteiro não sabe as contingências de um casado.

Lembrar que, no início da sua carreira Eminem, na palavra dele, desesperado pela separação da sua namorada negra, havia feito uma música em que numa das letras dizia "nunca namore uma garota negra, porque negros só querem seu dinheiro e, essa merda não é engraçada."

Alguns negros, em várias ocasiões recusaram-se ser classificados como tal, porque isto podia remeter-lhe à selvajaria, atrasado, submisso, cobaia, satânico, ingénuo e todos outros reles enquanto ser equivocado na sua essência, "não evoluída" e sem representação própria. Daí muitos negros optarem a serem chamados de "morenos" para frisar o facto que, de preto só tem aparência, mas os hábitos são de branco, o sangue é de branco a cultura é branca e só faltam alguns poucos estágios para ser branco puro e talvez

mais que o branco de origem, a tal “teoria luciferiana” do negro, por isso mesmo é que é negro.

Em 2016, em Angola houve uma corrente composta por cantores, actores e outros seguimentos das figuras públicas angolanas que defendia e assumia o chamado “paculamento” que, consistia em apanhar uma injeção para o branqueamento da pele. Um dos expoentes foi o jovem cantor *Puto Português* que, postou um vídeo nas redes sociais a exhibir a forma como o seu rosto se tinha “tornado mais claro” e dizia “preto not” ou preto não. Muitos internautas reagiram contra tal atitude, alguns postaram vídeos queimando os dois álbuns mais vendidos do cantor e manifestaram um ódio voltado às suas músicas, tendo jurado nunca mais ouvirem as músicas do cantor, nem irem aos seus concertos.

Me lembro que uma das justificações fúteis do cantor, foi a de que não tinha tal intenção de desvalorizar a raça negra, era apenas uma brincadeira que não foi bem pensada da qual se arrependia muito. Infelizmente o cantor calculou e se explicou mal, talvez empolgado pelo momento áureo da sua carreira, esqueceu-se que o pedestal e a queda são muito próximos, pediu desculpas aos seus fãs, mas já era tarde. A verdade é que Puto Português baixou de popularidade, as suas músicas já não são ouvidas como antes daquele episódio. Esse é um exemplo de que afinal a negação da raça

negra, pode ser motivada a partir do próprio negro ou da comunidade em que está inserido. Este é o mais perigoso.

Frantz, nos traz um evento do negro da plebe, assim que chegasse à Europa depois de sair da pequena Martinica, do Luso, de Xangongo, de Kamakupa, de Makela do Zombo, de Cáala, do Virei, do Nzeto, de Nancuro, de Pemba, de Harare, Gaberone, Acra, Tripoli, Luanda, Kinshasa, Rabat, de Missombo ou de qualquer outra plebe, encaminhava-se imediatamente às casas de prostituição, para cumprir o sacrossanto “rito de iniciação” que lhe faria atravessar o limite da autenticidade negra e mostrar aos brancos, a sua virilidade de preto reprodutor, consciente dos seus actos, com prioridades às tendências libidinosas.

Era um processo de “transição” para a “verdadeira civilização” e desnudo de todas nocividades, para ter contacto com a sociedade na qual poderá interagir sem nenhuma impureza dos “fora-da-lei”. Uma etapa do seu pensamento central em saciar a fome que tem, da cândida mulher branca, como recompensa do esforço confuso da ansiosa vingança do que os europeus fizeram às varoas, raparigas e donzelas da sua vernácula. Toda essa epopeia só se desenrola se antes a sua ideia não for detectada, porque se for este será castrado e publicamente exposto como trofeu prometido aos ancestrais e descendentes para nunca cometerem um erro escandalosamente desrespeitoso à raça superior.

Como diria Botha, “o sonho do negro é ir para a cama com uma mulher branca”. Mas será mesmo este o sonho de todos negros, ou foi uma noção de sonho incutida na cabeça do negro durante a longa noite ostracista de ser e estar a viver momento de “ser para-o-outro” ou seja, estar apenas a representar o verdadeiro humano, sem uma ideia original de si, uma ontologia impraticável de traços civilizacionais, apesar de terem elementos profundos que os ligam aos humanos (brancos), fazendo com que a procura dos produtos de branqueamento cresça.<sup>4</sup> A história relata que nos EUA, os escravos negros de cor mais clara, eram os mais caros e procurados para o trabalho doméstico leve, enquanto os de cor mais escura, estavam destinados às lidas agrestes.

O racismo identicamente pode operar no sentido inverso, resultante da reacção de um ressentimento de revolta dos negros, baseado na discriminação das pessoas de pele mais clara tidas como fracas do ponto de vista físico, com ideologias de inferiorizar os negros, por serem miscigenados.

Contudo o negro europeu que conviveu por longos e difíceis momentos com o branco não aceita, não pode, não suporta, não converge com esses manípulos pois ele sabe que é autoengano, a postura desvalorizadora de desterro seccional

---

<sup>4</sup> *Lynn Thomas, Beneath the Surface: a Transnational History of Skin Lighteners, 2020.*

da metamorfose de mulato<sup>5</sup> para atingir o tão sonhado estágio de branco. Ele sabe, ele sabe, pois só ele sente o que viu.

No início do século XX, a ascensão social e económica branqueou a pele ou a pele sem matriz fenotípica é que facilitou a sua ascensão. As mulheres negras com tom de pele mais claro e traços europeus tendem, em igualdade de outras circunstâncias, a ter mais êxito na obtenção de emprego, na carreira profissional, nos concursos de beleza ou nos vídeos musicais, salvo raras exceções como foi o caso da sul africana Zozibini Tunzi, que, venceu o Miss Universo de 2019 que se realizou nos EUA, na cidade de Atlanta.

Mamadou Ba, um activista português de origem senegalesa que, a 12 de Fevereiro de 2021, criticou a homenagem pelo falecimento de *Marcelino da Mata*, fundador da tropa de elite denominada "Comandos" que havia declarado nunca entregar nenhum combatente africano vivo à PIDE, antes "cortava-lhe os tomates, enfiava-os na boca, e ficava ali a vê-los morrer". As críticas de Ba ao antigo e falecido "sanguinário", enfureceu alguns portugueses que exigiram a deportação imediata do activista de Portugal.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Do latim mulus, "mulo", ou seja, "animal híbrido, estéril, produto do cruzamento do cavalo com a jumenta, ou da égua com o jumento".

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mamadou+ba+biografia> . Acessado aos 13/05/2021.

Só quem nasce negro ou sofreu alguma vez esta mácula sabe o que isso é. Há países na Europa onde os negros são frequentemente lembrados da sua origem e o comportamento que deve ter em "terra alheia". Há por exemplo filmes e livros de directores, autores e actores negros que não são vistos nem lidos, por esta causa.

Para um leitor menos atento, pode até parecer muita ingenuidade da minha parte, mas a realidade infelizmente é esta, desconhecemos muita produção valiosa dos negros que não vem ao nosso conhecimento nem chega a ser apreciada pelo mundo, tendo como handicap o racismo estruturado quase de forma transversal em muitas sociedades inclusive africanas.

Talvez o branco tenha medo do negro, querer "compensar" um irrisório passado que, tenha feito aos seus ancestrais. Não, não é isso e nunca foi! O negro sabe perdoar, sabe compreender, sabe esquecer, o negro não invade a casa do vizinho, seja qual for a razão, a menos que seja convidado até com violência.

## IV-O Negro Figurante

Conheço muitos brancos que vêm procurar riqueza material, espiritual, seja lá que for, até cura, mas logo de seguida “regressam à casa”, pelo desejo e prazer orgulhoso polar, pois ao casar com uma negra, podem causar impressão de proclamar não apenas o desprezo pelas mulheres brancas, como trair a raça superior proibida de falhar desde que “descobriram novos mundos”, qual realidade de Mayotte Capécia, na pequena Martinica.

Tem surgido um debate, sobre a existência ou não de um racismo invertido, tido como compreensível, estimulado pelos negros, contra os brancos, utilizado como “defesa”, contra o ataque dos brancos. Compreender a natureza contrastante desta sequiosa e bipolarizada tragédia no dilema a que se nos apresenta não será fácil, suspeitando correr o risco de ser mal compreendido e pior interpretado, num mundo liberal onde cada qual e cada um apenas lança farpas, sem mensurar os corolários e, no dia subsequente de forma fria usar os mesmos transmissores, sem erudição, se indulgenciar no terreiro universal, arrojado de um símbolo do homem do fim dos tempos.

O fenótipo genético do negro, sofreu uma mutação definitiva e absoluta, pois o negro percebeu que ao acalcanhar os Urais ou os Alpes, se o Mediterrâneo não o sepultar, o soalho de Napoleão, Mompilher, Marselha, Lisboa, Helsinki, Tallinn,

Dublin, Oslo, Ancara, Bélgica, Leipzig, Petersburgo, Califórnia ou Budapeste se agarrará a ele, a fim de obriga-lo a ler o último livro, lançado nos palcos doutos para se entranhar das “novas boas da civilidade”, usando trapos do último festival de Can e, adoptar as manifestações de polidez, floreares da linguagem nativa.

Cá chegados, os estudos genéticos mostram que, as classificações raciais não se traduzem em diferenças genéticas importantes, enquanto categoria biológica, mas o racismo como ideologia permanece e tem-se acentuado. O rosto, o cabelo, ou a cor da pele continuam a ser usados como marcadores da discriminação racial em muitos países, entre brancos e negros, embora desde Novembro de 2019, tenha tocado aos asiáticos, devido à pandemia da COVID 19 e tem assumido um significado particularmente pérfido e sistemático de tratamento dentro de grupos que partilham a mesma “identidade racializada” ou “comunidade de cor”.

Ostraciza-se a metafísica do negro, tida como menos pretensiosa, porque está muitas vezes em contradição com a civilização que não conheciam e que lhes foi imposta.

Características comportamentais, alimentares, expressões da linguagem, do corpo, da mente, do andar e do olhar mesmo sem perceber, passam imediatamente a fazer parte da dieta comunicativa do negro, e absorve frases pomposas murmurando ou grafando semelhantemente ao europeu. Tudo calculado à medida, latente só para obter um

sentimento de igualdade ao modo de existência acidentalmente ocidental através do cristianismo, civilizacionismo, hegemonismo, comunismo, totalitarismo, fascismo, capitalismo, colonialismo, estruturalismo, partidarismo, marxismo, populismo e outros mecanismos engendrados.

É daí que se armam os reptos de quem papagueia melhor a hipofaringe do polo de cima, cujo objectivo é ser o único mediador, do tão desejado sentimento heroico do neocolonizado ditador digital, para participar das farras de Trump, Putin e Elizabeth.

Pode se vislumbrar ridículo, contudo é neste capítulo circense da vida que se apresenta o trapézio de tormento que, desperta no preto uma nostalgia agressiva, na vontade de refazer um passado mal resolvido no vale do labirinto vital, é provocado pelo desdém daí decorrente que, se alça na base de cada sintomatologia neuropática inconveniente de um branco que, exibiu o seu flanco negro a um preto repleto de panos brancos, pintados na última draga que, vê no poço a única água que o venha purificar das porqueiras acarretadas, pela incúria da velha vodka, ao lado da Nyakatolo que, pretende um branco no seu harém a fim de fortalecer o seu pseudopoder, agora em decadência.

Em África, é um erro grotesco vital, a nível das suas idiossincrasias, “um homem casar com homem ou uma mulher casar com a mulher igual”. Entretanto é de todo natural um homem ter mais de uma ou duas mulheres,

dependendo do contexto, embora haja vários casos de monogamia.

A poliginia é um elemento presente e, dilatável na cultura dos pretos, com uma explicação sociológica, antropológica e até institucional africana bem nítida. Paradoxalmente é que as instituições dos pretos aceitaram, amavelmente e com deleite o doutrinamento europeu que diz que, a poliginia é errada e o homossexualismo é absolutamente certo. Quanta falta de discernimento identitário do preto.

Por falta de um pensamento próprio, durante vários lustros, o negro vai depender ainda das águas do Douro, aroma do bacalhau da Noruega e se embriagar com o whisky da Escócia Johnnie Walker Ultimate, Old Parr, Jack Daniels, Methuselah Louis Roederer, Cristal Brut, enquanto exibem um bom Rolex, Cartier, Omega, Swatch, Tissot e ainda degustam, o champanhe Krug Collection, Dom Pérignon Rosé by David Lynch, Moët & Chandon Dom, Chateau Lafite, Chateau Margaux, o vinhaço da Marqués de Cáceres Verdejo, Glorioso Reserva Rioja, Grand Arte Shiraz, Vitiano Rosso, Bogle Cabernet, Sangiovese Toscana e depois saltarinhar com os calçados do Veneza, para apreciar um charuto Arturo Fuente Opus X, Regius Double Corona, Gran Habano, “El Gigante”, Mayan Sicars, Cohiba Espléndido, Montecristo, Romeo y Julieta, em Havana, do chá *Da Hong Pao*<sup>7</sup> de

---

<sup>7</sup> É um tipo de chá produzido nas montanhas Wuyi, em Fujian e, pode custar 30 vezes mais o preço do ouro! Disponível em <https://www.google.com/search?q=qual+%C3%A9+o+ch%C3%A1+mais+caro+do+mundo>. Acessado em 23 de Novembro de 2021.

Xangai, e abocanhar-se do sushi de Nigiri, Gunkan, Temaki, Hossomaki Tekkamaki, em Tóquio, droga-se com as vodkas Ciroc, Wyborowa, Stolichnaya, Glamour francês com a Grey Goose, Belvedere, Absolut, Smirnoff, as roupas de Nova York, a buldózer de Berlim ou Helsínquia, o chapéu do México, em troca de todo o seu ser: a sua consciência, o seu valor humano, a sua inteligência, o seu futuro, dos seus filhos e dos filhos destes, enquanto desfila com o que roubou nas grandes capitais.

Como diria Manguxi: caíram todos na armadilha dos homens que os formaram na esquina. Fingem que não sabem, mas todos sabem afinal. Por isso são todos figurantes de uma película que não sabem, nem o título, nem o enredo, nem o guionista, nem o artista, nem o realizador, tão pouco a sua finalidade, mas desconfia de que o bandido seja, o mesmo que o apoiou durante o ensaio para a sua emancipação.

## **V-O Génio Mercante do Negro**

O negro continua a vender a sua identidade e a de seus irmãos, o seu pensamento, a sua idiossincrasia, a sua virtude, os seus anseios, os seus dias e noites, as suas conquistas, os seus apetites, as suas terras, seus rios e lagos, as suas praias, o seu sol, lua e estrelas, o seu sentimento, suas montanhas, a sua flora e fauna, enfim e, até o mais indesejável: a vender o seu lugar no mundo, no mundo. E daí? As consequências? Não se admirem se algum dia veem o africano nómada no mundo ou a ser escravizado em sua própria terra, não se espantem!

Os estudantes africanos na Europa, de regresso às suas origens, muitos têm inúmeras dificuldade de se readaptar às dificuldades locais como energia, água, acesso, ideologias, políticas, problemas religiosos, telefonia, internet, transporte, entre outros. Isto faz com que muitos quadros úteis para os seus países, terminados os estudos não retornem, mantendo-se por isso, no estrangeiro mesmo sujeito a condições medíocres, imagináveis.

Tal é o caso dos emigrantes com as habilidades de que precisa o mercado de trabalho local, como as indústrias, a saúde, educação, computação, finanças e tecnologia, preferindo rumar para França, Bélgica ou Alemanha que, apresentam melhor proposta para a mobilidade laboral internacional.

Por isso os jovens estudantes na diáspora, passaram a empenhar-se e escolher cursos que lhes permitem adquirir habilidades atraentes que, os proporcionem espaço aberto, no mercado de trabalho mundial, em que as oportunidades de desenvolvimento pessoal ou familiar, já não correspondem necessariamente aos objectivos de desenvolvimento, orientações e prioridades dos países de origem. O contacto com a diáspora, fê-los tomar uma posição que os remete numa perspectiva, sem intenção de retornar aos seus países de origem, alegando factores económicos, perseguição política e religiosa, desvalorização dos seus potenciais, insegurança, entre outros conflitos, pondo em causa a perspectiva de prosperidade na vida individual.

Os europeus enunciaram conjecturas sustentadas no pressuposto de uma hierarquia das raças, os brancos se encontram no auge da pirâmide, de seguida os asiáticos e em última instância os negros. Só o branco possui capacidade intelectual de trabalhar, governar, prosperar, criar, programar, planificar ou projectar a vida, aos negros está reservado apenas trabalhos primitivos, por não terem alma.

Só que com o passar dos tempos, o mesmo ocidente tomou consciência de si próprio, dos seus disfuncionamentos, em todos seguimentos e por vezes quando lhe convém procura na urgência e na confusão as soluções dos problemas que

eles mesmos causaram e que agora os atormentam, dentro e fora das suas portas.



## **VI -A Dimensão Pluricultural do Hominem Nigro**

Os humanos se definem pelas mudanças sociais, naturais ou biotécnicas, algumas catastróficas que, chegam por meio de registos escritos, orais, imagiológicos, físicos ou iconográficos que ficam para a história geracional, através da memória colectiva que os encerra ou pelos seus guardiões e dignatários que, amparam o relaxamento traumático dos acontecimentos de tais alterações, precipitados pelo ímpeto imposto pela lei natural dos fenómenos que pairam nas suas profundas biosferas.

No mesmo sentido intemporal persevera a perseguição do vigor em preservar os preciosos valores dos pretos, principal legado dos ancestrais africanos, nalguns casos barbaramente destruídos pelos conquistadores e pregadores do evangelho.

Os cristãos, a partir da Europa, fizeram da religião um esteio, para esbulharem as terras que diziam serem pertença de um Deus que, até então era por eles um desconhecido, mas que se apegaram n'Ele para inferiorizarem os seus "meios irmãos" pretos, negros, índios, pecadores, perdidos, gentios, atrasados, descrentes, feiticeiros, satânicos, cujas características são incompatíveis aos valores, ritmos e interesses de seres pensantes e, por isso não tinham atingido até antes do seu contacto o estágio de verdadeiro humano perfeito acabado que, poderia aproximar-se à imagem e

semelhança de um Deus, um Jesus, um anjo, arcanjo ou querubim branco. Como afirmava o bispo *Desmond Mpilo Tutu*<sup>8</sup>: os brancos vieram com a Bíblia e nos encontraram com terras. Mandaram-nos fechar os olhos e quando os abrimos, eles ficaram com as terras e nós com a Bíblia. Isso é visível aos olhos de qualquer pessoa a forma como os negros são nômadas em seu próprio território fértil e os brancos são proprietários de vastas extensões de terras férteis onde o negro trabalha até hoje com muito prazer para o branco, esperando uma vida pós-morte no paraíso que foi prometido aos seus tataravôs. Aqui eu concordaria com Fernando Pessoa aquando da sua passagem pela África do Sul tendo afirmado que “em África o espaço é uma imensidão e o tempo é uma eternidade”. Talvez essa sua afirmação perdure até aos nossos dias.

Só que hoje o negro já não confunde *trazer* com arma, sabe usar o telegram, o negro já não se comporta como um primitivo, seja qual for a cor do negro, também come hambúrguer, trabalha na NASA, investiga, estuda e explica a base da ciência o universo em sua volta. Hoje vêm-se japoneses, russos, americanos, africanos ou chineses a partilharem o mesmo espaço astronáutico com sucesso e competência de todos os seus componentes.

Durante as duas guerras mundiais, os negros mostraram a sua bravura e capacidade quer em França onde eram a

---

<sup>8</sup> Arcebispo da Igreja Anglicana consagrado com o Prêmio Nobel da Paz em 1984 por sua luta contra o Apartheid no seu país natal.

maioria, quer noutras latitudes onde o seu pensamento, paciência e atitude foram testados e postos em prova em todas as suas dimensões, até a exaustão.

Já ouvi dizer alguma vez que, o preto é o elo entre o macaco e o homem. Que homem? O homem branco, é claro. Neste sentido, o debate que se pretende é que apesar dos avanços e experiências de coabitação, persiste a tendência do domínio ou até uma quase que total dependência voluntária do continente africano para as ajudas, vindas de todas as direcções, sem questionar, apesar de estar a dormir em cima de todas as riquezas imaginárias possíveis.

Difícilmente os árabes, judeus ou até mesmo asiáticos, aceitariam as variantes dos hábitos ocidentais, devido aos valores culturais dos seus heróis e ancestrais enraizados nas suas convicções. O conflito entre Xiitas e Sumitas no médio oriente, por exemplo entre moderados e extremistas, podemos falar do estado islâmico, do bokoaram, alshabab, apesar de parecerem antagónicos entre eles, o certo é que, negam veementemente o lado nocivo da civilização europeia imposta, quer por via da época dos cruzados, quer por via da colonização ou neocolonização quer quando não são outros interesses que colocam em causa a sua matriz cultural e que não desagregam os seus valores.

Um árabe, um judeu, um chinês ou um índio, dificilmente aceitaria um elemento externo da sua cultura, sem antes ser profundamente examinada ou compreender os seus fins inconfessos. Entretanto parece-me que, aceitar os caprichos

ou submissão sem a questionar, ainda que de forma voluntária, é um toque presente no negro, do negro do meu país Angola, pois tenho reparado que o negro não produz não pensa em produzir, contenta-se com o pouco, em pleno século XXI sente-se feliz em produzir objectos que o Ocidente fabricava no século XIX, gosta de reproduzir e sente-se feliz por isso, combate quem tenta produzir bens, ideias, valores, atitude, avanços sociais e tecnológicos, entre outros componentes de carácter vital para si e quem o rodeia.

O preto até hoje anui o conceito ocidental de quanto, em África tudo vale, tudo dá, tudo se faz, tudo se obriga e se não aceitar, "fecham-se as torneiras" e logo, logo irá suplicar socorro e com ele os condicionalismos obrigatórios. Thomas Sankara antes de ser assassinado, havia já afirmado que devemos nos livrar desse tipo de ajuda, pois esse tipo de ajuda nos torna escravos e impede a população de sobreviver sozinha, pelas suas capacidades, competências e esforços porquanto contam sempre com migalhas que não chegam para nada e faz-nos eternos dependentes. Isso viu-se recentemente aquando da COVID19 em que os líderes africanos despejaram rios de dinheiro na compra de vacinas de todas as cores e tamanhos, compraram equipamentos para a prevenção e combate à COVID19, mas não houver nenhum líder a falar na construção de uma única fábrica de vacinas ou medicamentos preferindo, contudo importar da Índia talvez, seja mais barato assim; Quanta tristeza. Talvez

seja porque os africanos não possuem heróis ou modelos para se inspirar, não têm uma matriz política e cultural aguerrida, sobrenatural às quais desbastem recurso, quando se sentirem encurralados, a fim de tomarem um ponto certo e seguro do seu posicionamento.

Por isso mesmo, o foco desta análise, não incide apenas num olhar de dentro para fora ou de fora para dentro, mas vai igualmente de dentro para dentro, no sentido de se discutir especialmente factores desta equação que determinam as diferenças entre negros e brancos numa aldeia global, com avanços quinquenários consideráveis como no acesso aos espaços públicos, privados ou privilegiados mediáticos, dos negros resultantes das múltiplas lutas.

Repare por exemplo que as pessoas racializadas que ascendem a lugares de destaque, têm em geral, uma cor de pele mais clara. Um exemplo disso em Angola é só ir às instituições que suportam grandes valores monetários, tais como a banca, AGT, agências de viagens, as seguradoras, as cadeias televisivas e telefónicas, entre tantas outras, cujos proprietários inclusive são negros. Tudo isso seria normal, se houvesse proporção na sua aplicação, a menos que se prove que os negros não possuem potencial nem capacidades para assumirem posições de destaque em tais postos. Quase que ninguém se apercebe a forma de recrutamento de tais companhias que, de herança também não têm nada, porém é nitidamente visível o número de pessoas que, conhecidas pela comunidade profissional ou académica, vão ocupar tais

postos de trabalho, mais pela coloração da pele do que pelas competências às vezes mesmo sem o merecer.

É difícil ver um branco ou seus descendentes nas filas inundadas das instituições bancárias ou similares, a exercerem vendas ambulantes nas ruas ou nos mercados informais. Entretanto é muito fácil encontra-los em espaços luxuosos como cafés, lojas, locais de turismo, grandes indústrias ou empresas inclusive do estado. A pergunta seria: porquê não? Por várias vezes já reparei que, quando um branco vai a um banco, fá-lo por meio de um telefonema antecipado, entra, pede licença, passa e vai para a sala do gerente, subgerente ou balconista. De repente, veem-se manifestamente uma movimentação que indicia, que denuncia um tratamento especial e, em pouco tempo o branco deixa a dependência bancária, sob o olhar atento e silencioso de uma chusma de negros, cansados, exaustos cuja reacção não passa de um cochicho colectivo em voz baixa. Impotentes, face tal situação, assistem o branco a fazer o mesmo trajecto no sentido contrário e a esfumar-se pela porta guarnecida por um negro igual. Não são poucos os exemplos destes episódios em Angola, podia inclusive falar de uma agência tributária, no Hospital e tantas outras instituições imaginárias e existentes.

Raras vezes isso acontece com um negro, salvo se for uma entidade governamental, empresarial ou um outro caso de carácter especial, particular, singular e que passa bem despercebido, mas são poucas as abordagens que apelam

contra tais práticas retratadas que eu considero um racismo latente, mas funcional.

De qualquer forma, as lutas objectivas dos africanos moldaram e mudaram a face das sociedades mundiais, bem como a forma do pensamento de quem os olhava de fora para dentro e decifra-los por meio de códigos culturais, em unidade de conjunto simbólico social ou particular.

Fica então a concepção do pensamento racional do "novo negro", do "negro livre", do "negro evoluído", do "negro unido", do "negro" capaz de se outo representar no contexto das nações e não mais o "negro subalterno". como diria Garvey "o negro é belo" na sua forma de discursar e se defender na sua formosura, desde que se respeite a multiculturalidade, respeitem então já que todos fomos feitos a imagem e semelhança de Deus e Deus não faz acepções.



## VII-A Voz Clamando do Kilimanjaro

Santos e Meneses (2009) costumam chamar "*A Cidade do Povo Colonizado*" o lugar marginal, povoado por homens de má reputação, cujas pessoas nascem, sem se importarem como nascem ou vivem. Morrem lá quase todos do mesmo modo, poucos se safam "daquela caverna" o espaço é exíguo e os homens vivem uns sobre os outros; enfim uma cidade com fome de pão, de paz, de ar puro, de carne, de peixe, de sapatos, de roupa, de carvão, água e luz; a luz do sol quase não chega e se sim, chega ao fio das meias de uma meia. Este é o real lugar do negro no mundo, vítima da convicção e condição do imaginário da trajetória da escuridão para a claridade pelo flagelo do racismo, onde a cor da pele tem maior significado social infinitamente maior do que a cor da pupila dos olhos, diante de um cúmulo silencioso do universo, como diria José Saramago, fruto do horizonte histórico estabelecido nas ideologias por detrás dos símbolos das disputas e fugas dos debates sobre, do e para o racismo na narrativa individual da racialização, reduzindo o negro a condição de sub-humano.<sup>9</sup>

A única coisa de que se fartam é do frio, chuva, calor, ratos, baratas, tristeza, lamentações, desespero e uma esperança há muito moribunda, numa sanzala que vive agachada sobre os seus joelhos que, fez emergir diferentes instituições de

---

<sup>9</sup> O conceito de "under man" (sub-homem) tornou-se popular com o livro do norte-americano Lothrop Stoddard, *The Revolt against Civilization: the Menace of the Underman*, publicado em 1922, que viria a ser a cartilha dos nazis.

direito, para distintas categorias de pessoas e desígnios díspares, com a sua forma muito própria de sobreviver no interior de um espaço onde predomina a violência, a mesma que sustenta e alimenta esses espaços excluídos, criados por quem decide, fazendo inspirar os escritores nas madrugadas das suas noites não dormidas devido ao barulho dos gatos nos tetos, os ratos que sacodem as paineis para reclamarem o que é seu por direito enquanto parente da pobreza, o incómodo dos marginais criados na pobreza e pela pobreza e das indústrias que exploram, espoliam, pilham e poluem o seu espaço, os seus rios e as suas terras em coluio com o governante de barriga torta depois de passar o último final de semana em Tóquio, Sidney, Dubai ou Milão para assistir a última corrida de fórmula1, com vontade de assistirem o seu co-originário só que em níveis de metamorfose superior o Lewis Hamilton ou então no *Australian Open, Roland Garros, Wimbledon e US Open*<sup>10</sup> e simularem a empatia pela sua cor representada por Serena Williams, talvez em Nice, Nova York ou Veneza para assistir o desfile do lançamento da última marca de roupa ou outro utensílio de seu agrado para exhibi-lo diante dos seus "irmãos" de quem em nome destes gasta vultosas massas monetárias vindas de doações que há um século são dirigidas para a África, mas sem nenhum efeito multiplicador positivo a vista.

---

<sup>10</sup> Disponível em

<https://www.google.com/search?q=principal+torneio+de+tenis+do+mundo&sxsrf>.

Acessado em 23 de novembro de 2022.

Em 1911, num congresso mundial sobre a raça, organizado em Londres sob auspícios do Movimento Inglês de Cultura, o brasileiro João Batista de Lacerda, intrépido, asseverou desenganadamente que resolver-se-ia o problema racial, acabaria com os negros dentro de um século por meio da miscigenação, pela teoria da “Redenção de Cam”<sup>11</sup>. Na sua palavra, essa miscigenação devia ser completada às péssimas condições de vida que, ajudariam muito rapidamente a liquidar o povo africano ou afro-descendente. Passados mais de um século por exemplo no próprio Brasil 60% da população é negra e no mundo mais de 45% da população é negra. Como era de se esperar esse comportamento desnivelado causou inúmeros resultados negativos em vários vectores de mundo.<sup>12</sup>

Na visão de muitos paranoicos, este é um meio ambiente simplesmente imaginário e imaterial, cujas noções fogem do conceito concreto, já que este se junta à imagem e não à imaginação, resultante do simples entendimento sobre os valores ou o *modus vivendi* da periferia, através do qual sem

---

<sup>11</sup> No século 19, surgiram as chamadas teorias científicas do branqueamento da raça que, propunha a solução para o problema a mistura da população negra com a branca, de forma geracional, até o negro virar branco. “A Redenção de Cam”, é considerado uma representação visual dessa tese, usada literalmente em 1911, pelo médico João Batista de Lacerda, no Congresso Universal das Raças, realizado em Londres sobre branqueamento. “O negro passando a branco, na terceira geração, por efeito do cruzamento de raças”. Disponível em [www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/](http://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/). Acessado aos 28/05/2021.

<sup>12</sup> Disponível em <https://brainly.com.br/tarefa/12045016>. Acessado aos 28/05/2021.

outro recurso, passa a construir o reflexo de uma gente, através do seu irreal espontâneo, em ruína dos valores autóctenes (Iser, 1999).

O processo, complementa-se com a introdução da ciência ocidental de origem africana, sequestrada pelos oportunistas, consentida por alguns, outros, poucos ou muitos desinteressados e descompromissados com a pátria que os pariu. Ao mesmo tempo, esta ciência se mescla com os saberes endógenos e experiências locais, que alavancam o principal motor da afirmação e autonomia dos negros em todo mundo, tal e qual foram tipificados.

Uma sociedade categorizada em cidadãos, assimilados e indígenas entre o sujeito e o objecto, bastando apenas identificar e definir ou não, quem é excedente, quem deve ser aproveitado, quem é útil e quem não é para os seus interesses, quem deve ou não viver. Não é preciso lembrar o apartheid na África do Sul e os linchamentos dos negros nos EUA, evitando lembrar episódios tristes.

Na caravana dos não representados, destaca-se Marcus Garvey que em 1912, fundou a Associação Universal para o Progresso Negro (AUPN em inglês *Universal Negro Improvement Association-UNIA*) e 8 anos mais tarde, já contava com mais de 1 milhão de afiliados e 1100 filiais, espalhados em mais de 40 países, com maior destaque nos Estados Unidos, Cuba, Panamá, Costa Rica, Equador, Venezuela, Gana, Serra Leoa, Libéria, Namíbia e África do Sul.

Sob o lema "Um Deus! Um objectivo! Um destino!" a maior preocupação dele era o retorno dos negros e seus descendentes para a África sua terra natal, pois para ele, era o único local onde seriam verdadeiramente livres com direitos sociais, políticos e económicos puramente negros. Defendia um regresso às origens, tendo mesmo criado a *Black Star Line*, uma companhia de barcos destinada para transportar os passageiros interessados para África.

O brasileiro Abdias do Nascimento, um dos principais expoentes da cultura negra no mundo que actuou no activismo teatral e fundou em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN) no Rio de Janeiro, denunciou o racismo nos palcos brasileiros que usava actores brancos com caras pintadas de preto para interpretar personagens negras. Contribuiu muito para a valorização dos direitos civis dos negros, da cultura africana e a criminalização da discriminação racial, tendo passando pelos EUA, Jamaica, Tanzânia, Senegal, Colômbia e Panamá e Nigéria.

A postura dos africanos, um povo que apesar de várias formas de o destruir, valeu-lhes o atributo heroico com uma garra de guerreiro pacífico e, um vociferar forte, conseguiu se impor e manter a sua cultura, os seus valores, a sua arte e a sua religião, durante vários séculos.

A longa noite do colonialismo, originou indigências que resultaram nas lutas que hoje estão associadas a vários conflitos internos em várias regiões de África, resultantes

das tendências de ruptura ou continuidade dos expansionismos por meio de imposições de força dos centros político-militares europeus.

O sofrimento e a dor que, acompanharam o povo africano constitui parte integrante desse processo cruel, da história e resistência própria desse povo ao mesmo tempo que carrega um conjunto de bravura, determinação e criatividade, umas mais violentas que outras, mais modernas que outras, mais organizadas, mas todas tinham uma direcção: a liberdade!

## VII-A Reunião Desavisada

Cada tempo é marcado pelas suas formas de luta, suas reivindicações e seus actores, ou seja, uma luta para cada tempo determinado quer em termos materiais quer ideológicos, envolvendo armas biotécnicas, cibernéticas, convencionais ou não. Cada época, em qualquer lugar, o pensamento e a palavra têm sido fundamentais para refrescar e despertar a consciência de muitos africanos dentro e fora do continente, homens ou mulheres, letrados ou não, na cidade ou no campo, jovens ou adultos, hoje todos africanos e os seus descendentes perceberam que uma autonomia não vai se reaver com simples apelo emotivo que possa amolecer a coração do opressor, mas com atitudes reais e prático-reais que, venham ajudar para desenvolver os processos profundos inerentes apenas aos africanos. “Nós queremos construir cidades, nações, governos, indústrias próprias em África, para que possamos ter a hipótese de passar da posição mais baixa à mais alta dentro da comunidade africana”.<sup>13</sup>

No V Congresso Pan-Africano de Manchester em 1945, onde se destacaram Jomo Kenyatta (Quênia), Peter Abrahams (África do Sul), Hailé Sellasié (Etiópia), Namdi Azikiwe (Nigéria), Julius Nyerere (Tanzânia), Kenneth Kaunda (Zâmbia) e Kwame Nkrumah (Gana), foi dito: “Resolvemos

---

<sup>13</sup> Excerto do discurso “*If you believe a Negro has a soul*” (Se acreditar que um negro tem alma), sobre a criação da AUPN.

ser livres; povos colonizados e subjugados do mundo inteiro, uni-vos". Este projecto foi muito bom, pelo menos em termos teóricos, pois o coro não teve uma sinfonia harmónica, cujas orquestras foram mal estruturadas na Ópera Séria e na Ópera Buffa.<sup>14</sup> Os maestros usaram batutas tortas e de chumbo e, até hoje, estamos a espera que se dê o tom de início de uma música que ninguém sabe a sua mensagem melódica, porque na reunião a África não foi unida nem livre da hegemonia europeia, não criou instituições e líderes africanos fortes e determinados, escolheu mal os aliados da diáspora que não capaz de produzir uma força congregada apoiada nos negros em todo o mundo.

Parece que estar distante a profecia do nacionalista sul-africano Isaka Seme, proclamado em 1905 na Columbia University ao dizer: "O gigante está acordando! Dos quatro cantos da terra os filhos da África marcham em direção à porta dourada do futuro, carregando o registo de proezas de valor realizadas". O que tudo indica a "chave partiu, está enferrujada, ou então foi propositadamente trocada".

O "preto evoluiu", Achille Mbembe anunciou o "devir-negro do mundo": todos humanos subalternos correm o risco de se tornarem negros, com uma rápida disseminação. Estamos a voltar ao início de tudo, regressamos ao Éden, aos hábitos nilóticos, realmente esta profecia é visível nas danças, nas

---

<sup>14</sup> A primeira costuma ser mais dramática, tendo a orquestra mais como um acompanhamento. A Buffa, refere-se à ópera-cômica e, assim, é mais ligeira e burlesca com alguns efeitos dramáticos, tendo sido muito popular. Esta parece o modelo africano.

tranças, na música, no vestuário, na fala, etc. O negro voltou à ribalta.



## **IX-Conclusão**

Impõe-se lembrar que, não há nesta reflexão, nenhuma conotação racista quando apelamos a essa unidade. O presente discurso não se baseia em raciocínios simplistas, como a cor da pele, condição ou classe social ou outros elementos supérfluos, mas na unidade de uma comunidade, cujos factos históricos se remetem ao resgate da herança cultural da identidade própria, na conservação do baluarte comum de um povo de quem o destino final não conta com outros apoios que não sejam da irmandade africana e africanista, numa unidade do continente e no continente, com um pacto concreto e progressista da diáspora unida, sem no entanto esquecer a questão do processo da descolonização, a decolonização, a colonialidade e a neocolonização, assim como a sua relação com o imperialismo, o capitalismo e o racismo.

Está na hora do resgate dos valores africanos de forma definitiva através dos intelectuais africanos, para que os nossos filhos deixem de frequentar escolas precárias, tanto nas instalações quanto no ensino e colocar o africano lá onde deve estar tendo como base a dignidade e o auto-respeito com o povo e uma África unida com instituições autónomas dos africanos e impulsionar a vida das comunidades negras.

Foi por isso que Santos e Meneses (2009), na procura de resposta à força da intrepidez dos negros, numa dimensão académica, chamaram de Epistemologia do Sul a recuperação dos saberes e práticas profundos dos povos e grupos sociais que, ao longo dos tempos se procurou apagar a sua história e por arrasto os feitos socialmente alcançados, colocando-os numa posição de simples práticas de um saber desorganizado comparados aos seus saberes dominantes, tidos como únicos, absolutos e homogéneos.

Esse imaginário coberto de códigos culturais ocidentais a partir do contacto com a branda forma dos africanos tratarem e respeitarem os seus visitantes, conservarem os seus recursos, sua cultura, suas terras, suas gentes e os seus ancestrais, permitiu que o europeu “construísse” um estereótipo a partir de uma visão por si privilegiada socialmente e, reproduzi uma verdade única sobre outras sociedades.

Não bastando a isso, Frantz Fanon em *Pele Negra Máscaras Brancas*, discutiu a questão do negro das Antílias que se deslocara a Paris e que de regresso a pequena Martinica comportava-se como parisiense mesmo sendo de Martinica não procurou manter a sua posição de negro.

Em muitas localidades o colonialismo foi um fenómeno muito antigo e que quase não se fala mais dele, porém em outras latitudes ao longo dos anos foi se metamorfoseando, quer pelos antigos colonizadores e seus descendentes quer pelos novos decisores dos “novos territórios” ou “território livres”

que se materializa por intermédio da construção mental colonial e infelizmente, se manifesta na expressão da experiência básica da dominação colonial, chegando a atravessar as dimensões mais cruéis em comparação com as condições do colonizador, abarcando os aspectos sociólogos, científicos, políticos, culturais, nos desportos, principalmente em termos económicos (Quijano, 1992).

Diante de um discurso homogénico de que Spivack tanto se preocupa e desafia, rumo a convicções próprias, crenças e produtos de conhecimento que aprendemos por meio da vivência, leitura das alterações do mundo em que nos encontramos, partindo de uma crítica aos intelectuais ocidentais com argumentos que geram uma autonomia do “subalterno poder falar”.

Com base na teoria do desconstrucionismo ideológico, que se impõe em plena era de decolonialidade, apontando para o caminho de uma categoria irreduzivelmente heterogénea onde ninguém fala pelo outro, mas todos e cada um tem a sua voz e vez. Pretende-se fazer um trabalho bem visível do antagonismo entre a história e a memória de Paul Ricoeur, considerando que o estudo histórico exercita o trabalho da memória colectiva, de modo a ajustar os factos ocorridos e acabar com a habilidade, imposta que usa o esquecimento, como única forma de dar lugar ao presente forjado (Ricoeur, 2000).

Achile Mbembe em a “Crítica da razão Negra”, traz um desafio histórico-ideal e um exercício sócio histórico,

conquanto tenta negar, mas remete a uma reflexão que sirva de meditação sobre o lugar do negro no mundo, no nosso mundo, no mundo do nosso tempo, dentro ou fora de África, em que chama a atenção da urgência em abrir a problemática da política da raça, do racismo e do colonialismo ao pensamento crítico e desclassifica os estereótipos tendentes a uma história única, como também o fizeram Chimamanda e Spivack, apelando que se abandone o regalo e a vaidade da lógica dominante ou a ideia de verdade absoluta que, igualmente Stuart Hall em 1997, chamou atenção.

A Crítica da Razão Negra veio proporcionar um espaço plácido, vazio e necessário para repor a verdade de todos que sofreram e passaram por processos de abstracção, pilhagem e reconstrução, coisificação histórica e que pretendem ver restituídas as partes que foram amputadas bem como a ligação dos laços que foram quebrados ao longo da longa noite colonial, quando procuraram extinguir os preceitos africanos tais como os padrões do saber cultural, as crenças endógenas dos africanos, através da travessia atlântica em que os factores de casamento e parentesco deixaram lesões e cicatrizes que parece dar a sua prossecução com a colonialidade e a neocolonização (Quijano, 1992).

Concordando com Fanon, em qualquer ser humano existe um elemento indomável, verdadeiramente profundo e inapreensível, que a dominação não consegue nem eliminar,

nem conter, nem reprimir, pelo menos totalmente, relativos à possibilidade de busca incessante das raízes profundas arrancadas ou perdidas da nossa própria identidade que nos liga aos nossos ancestrais, em que assassinaram os nossos saberes endógenos, quando os nossos ancestrais não puderam falar por si mesmos e viram a destruição das suas instituições serem vandalizadas e profanadas, sem que eles pudessem tossir nem mungir no seu tempo.

O negro acordou, a era dos pan-africanistas fracassou com a queda final de Kadaf, mas os pretos do continente e os da diáspora se formaram e se informaram. Floyd é herói na América, os sonhos de Martin Luther King e Rosa Parks não foram suficientes, Malcom X, morreu sem ver Unidade Afro-Americana, Barack Obama, só foi um presságio, Trump só teve um mandato, a Coreia do Norte já está na agenda da ONU, todos falamos menos e ouvimos mais, pelo uso de máscaras "bozais", por conta da COVID 19, mas o negro ainda é espancado, humilhado, explorado, parado e revistado sem ser identificado, independentemente de onde estiver, o mapa de violência contra o negro expandiu-se fora ou dentro do continente do preto, o epílogo ninguém sabe quando vem, de onde vem e quem trará.

*A Epistemologia do Sul* deixa uma margem para o debate em torno da Ecologia de Saberes, que cada um traz consigo, que deve ser tido e respeitado no âmbito acadêmico, cultural, social e até do lazer, pois cada saber é próprio e por si só existe, dentro de uma pluralidade de saberes, em que

nenhum deles pode compreender-se a si próprio, nem se superiorizar sem se referir aos outros conhecimentos, só podem ser explorados e valorizados na comparação com outras erudições (Santos e Meneses, 2009, p. 55).

Há quase um século de lutas para afirmação do negro, podemos lembrar que já Marcus Garvey em 1912 tinha mais de 6 milhões de seguidores, em quase todo o mundo e, não espante que em 18 de Agosto de 1920 foi simbolicamente designado presidente de África pelos associados da sua estrutura.

Em tudo isso, usou apenas como o jornal *Negro World*, que ainda, em 1920 tinha uma circulação entre os 50 mil e os 200 mil exemplares.<sup>15</sup>

Garvey, o “messias negro” que apregoava um continente para os seus seguidores, em 1939 apoiou o Senador Theodore Bilbo, do Mississippi, que queria deportar 12 milhões de afro-americanos para a Libéria, mas a lei não passou pelo Congresso.

Num singelo tributo a ele, alguém disse: *“Marcus Garvey foi a maior esperança negra de encontrar dignidade”*.<sup>16</sup>

A verdade porém é, que mais de 100 anos se passaram e ainda soa e ecoa a questão do “Lugar do Negro no Mundo”.

---

<sup>15</sup> *National Humanities Center.*

<sup>16</sup> UNIAc

## **BIBLIOGRAFIA**

A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, EDGARDO (Org.), 2005.

A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-Americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-Americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005b. p. 107-130.

ACHILLE MBEMBE. At the edge of the world: boundaries, territoriality, and sovereignty in Africa. *Public Culture*, n.12, 2000: 259-284.

AGUIAR, JÓRISSA D. N. Marxismo e pensamento decolonial: debates teóricos e consequências políticas. In: VIII Congresso Latino Americano de Ciência Política, 2015a, Lima.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política (Impresso)*, Brasília, n.11, Maio/Aug, v. 2, p. 89-117, 2013.

CANDAU, Vera Maria F. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010a.

Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA; MENESES, MARIA PAULA (Orgs.). Epistemologia do Sul. São Paulo: Cortez, 2009. p. 84-130. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, MARIA PAULA (Orgs.) Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2009.

Desobediência Epistêmica: A Opção Descolonial e o significado de Identidade em Política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

ELTIS, David; MORGAN, PHILIP; RICHARDSON, DAVID. Agency and Diaspora in Atlantic History: Reassessing the African Contribution to Rice Cultivation in the Americas. *American Historical Review*, vol. 112, n.º. 5, p. 1329-1358, dezembro de 2007. 2 MORGAN, PHILIP (ed.).

FANON, Frantz. Peles Negras máscaras brancas. Editora da Universidade Federal da Bahia. Tradução de Renato da Silveira-Salvador, 2008.

FRANCISCO BETHENCOURT (2015), *Racismos – Das cruzadas ao século xx*. Lisboa.

Forum Albion's Seed: Four British Folkways in the Americas – A Symposium. *The WILLIAM and MARY QUARTERLY*. 3rd. ser., vol. 48, n.º. 2, p. 224-308, 1991.

NEVES, J. (2016). Os sujeitos da História. In J. NEVES (Ed.), quem faz a História? Ensaio sobre o Portugal contemporâneo (pp. 9-16). Lisboa: Tinta da China.

PIMENTEL, I. F. (2013, 20 de fevereiro). Será que a História nos pode fornecer algo de preventivo e “anular o destino”? [Post em blogue]. Retirado de <http://irenepimentel.blogspot.com/2013/02/>

QUIJANO, ANÍBAL; WALLERSTEIN, IMMANUEL. La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial. Revista Internacional de Ciencias Sociales: América: 1492-1992, Catalunya, p. 583-591, diciembre 1992.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA; MENESES, M. P. (Orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2009.

<https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/24979/marcus-garvey-e-o-pan-africanismo>

<http://m.redeangola.info/especiais/marcus-garvey/>



QUANDO A ÁFRICA DECRETAR O FIM

**Hélio Sozinho**

**EDITORA DIGITAL**

**"ÁGUA PRECIOSA"**

Telefone: 923 407 949

**Projecto gráfico**

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

**Hélio Sozinho**

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

**"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL**

**"PAÍSES" AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

***Não é permitido modificar esta obra.***

***Não pode fazer uso comercial desta obra.***

***Não pode criar obras derivadas.***

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

